

Alerta ao diabetes gestacional

Grávidas devem fazer os testes até a 14ª semana para diagnosticar a doença e prevenir complicações na mãe e no bebê, recomendam pesquisadores. Os exames são realizados depois de 24 semanas

» ISABELLA ALMEIDA

Antecipar os testes de identificação do diabetes mellitus gestacional (DMG) para menos de 14 semanas de gravidez é o caminho para prevenir eventuais complicações provocadas pela doença na mãe e no filho. É a conclusão de uma nova revisão científica publicada na revista *The Lancet*. A equipe internacional de cientistas desafiou a abordagem atual ao DMG, que se concentra a partir da 24ª semana ou mais, e defendem a realização do exames da condição com uma abordagem personalizada e integrada ao longo da vida para pacientes que têm ou podem desenvolver a patologia.

O artigo ressalta que a condição é a mais comum na gestação e atinge 14% das mães. Conforme o excesso de peso e as outras condições metabólicas avançam, mais mulheres em idade reprodutiva enfrentarão problemas relacionados à glicose e insulina, o que aumenta o risco de complicações durante a gravidez, e outros problemas de saúde mais tarde na vida, como diabetes tipo 2 e condições cardiovasculares.

"Nossa nova série enfatiza a necessidade urgente de uma grande mudança na forma como o DMG é diagnosticado e tratado pela primeira vez, não apenas durante enquanto o feto está no ventre, mas ao longo da vida das mães e de seus bebês", frisou o líder da pesquisa, David Simmons, professor da Universidade Western Sydney, na Austrália.

Simmons acrescentou que: "O DMG é uma condição cada vez mais complexa e não existe uma abordagem única para gerenciá-lo. Em vez disso, os fatores de risco e o perfil metabólico únicos da paciente devem ser considerados para ajudar a orientá-las na gravidez e apoiá-la depois".

De 30% a 70% das pacientes com DMG apresentam hiperglicemia desde que o embrião começa a se desenvolver, antes mesmo das 20 semanas. Os casos podem ser detectados precocemente

Para saber mais

- Teste precoce de DMG em pessoas com fatores de risco, idealmente antes das 14 semanas de gestação
- Promover a saúde para uma gravidez saudável e, depois, para um envelhecimento saudável
- Melhorar os cuidados pré-natais que incluam o rastreamento pós-parto do estado glicêmico
- Avaliações anuais personalizadas em mulheres com DMG anterior para prevenir ou gerir complicações como diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares
- Mais investigação sobre DMG e como melhorar a saúde das mulheres e seus filhos

por meio de testes orais de tolerância à glicose. Essas mulheres têm mais problemas de saúde em comparação com aquelas em que o diabetes aparece mais tarde.

A condição também eleva os riscos de estresse, depressão e ansiedade. Tradicionalmente, a condição é considerada uma complicação que requer cuidados com os níveis elevados de glicose no sangue no final do segundo trimestre. Os atuais critérios de diagnóstico da Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendam testes entre 24 e 28 semanas.

Qualidade de vida

Novos trabalhos, avaliados pelos autores da revisão, mostraram que entre mulheres com DMG precoce, a identificação e o tratamento antes das 20 semanas de gestação não apenas reduziram as complicações da gravidez e pós-parto, incluindo desconforto respiratório neonatal e tempo de permanência em UTI neonatal, mas melhorou a qualidade de vida enquanto carregavam o bebê

no útero, além de estimular a amamentação, o que pode reduzir a probabilidade de obesidade, DM2 e outras condições a longo prazo.

Raiane Wentz, jornalista e empresária, de 27 anos, mãe de um menino e à espera do segundo bebê, descobriu o diabetes gestacional nos primeiros exames que fez para avaliar a saúde na nova gravidez. "Foi um choque, no começo passei muito mal, não conseguia comer e acabei consumindo muitas frutas para o enjoo passar. Descobri assim que fiz a primeira consulta, aos três meses."

A empreendedora detalhou que, ao ver alguns parâmetros alterados nos testes, procurou sua médica que orientou adotar alimentação saudável e rotina de exercícios físicos. Agora com a condição controlada, ela se sente aliviada.

"Sinto que a agilidade foi crucial porque além de me acalmar, estou mais livre. Não esqueci o diagnóstico, mas ter ficado esse tempo sem açúcar melhorou tanto os sintomas da gestação, quanto o meu bem-estar. Eu me sinto mais disposta, esse controle só me trouxe ganhos", afirma Raiane.

Cristina Façanha, endocrinologista da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) e diretora do Centro Integrado de Diabetes e Hipertensão do Ceará, destaca que, durante a gravidez, em razão dos hormônios produzidos pela placenta, a tolerância à glicose da mãe se modifica.

"Quanto maior a produção desses hormônios placentários, maior a resistência à insulina e mais difícil a atuação adequada do metabolismo materno. O tratamento sempre tem que ser muito individualizado para cada condição", alerta a médica.

Cesarianas

Ao avaliar gestações mais avançadas e sem o tratamento adequado para o diabetes, os pesquisadores descobriram que a condição estava associada a riscos maiores de parto cesáreo,

Imagem cedida



À espera do segundo filho, Raiane Wentz mudou os hábitos após diagnóstico

16%, prematuro, 51% e bebê grande para idade, 57%.

Estudos anteriores, que avaliaram a necessidade de insulina para tratar a condição, descobriram que ela estava associada a uma chance duas vezes maior de internação em unidade de terapia intensiva neonatal.

Mulheres com DMG têm ainda um risco 10 vezes maior de diabetes tipo 2. Elas também são mais propensas à hipertensão, dislipidemia, obesidade e gordura no fígado, com chances duas vezes maiores de doenças cardiovasculares.

Jamilly Drago, endocrinologista da clínica Metasense, em Brasília, ressalta que o primeiro passo para o diagnóstico

precoce da condição é mudar a diretriz.

"Isso vai criar um novo hábito no clínico de atenção primária, endocrinologista e no próprio obstetra para solicitar esse exame um pouco antes do que estamos acostumados. Só vejo vantagens em saber da doença quanto antes para podermos tratar e acompanhá-la."

A especialista diz que o diagnóstico precoce colabora para preservação da saúde e a garantia de qualidade de vida. "As condutas não farmacológicas são a maior riqueza que temos. Muitas mulheres ao fazer só o tratamento não farmacológico, que envolve dieta saudável, acompanhamento médico e exercício, não precisam evoluir para a medicação", ressalta Jamilly Drago.

MUNDO ANIMAL

Chimpanzés usam plantas medicinais

Quando doentes, os chimpanzés procuram plantas com propriedades medicinais, constataram cientistas da Universidade de Oxford, no Reino Unido. Em geral, eles escolhem espécies da flora, que têm compostos com efeitos medicinais, para humanos e animais. Os símios investigados pelos pesquisadores comem uma variedade de vegetais, incluindo algumas que são nutricionalmente pobres, mas que podem ajudar a combater alguma patologia. A pesquisa foi publicada, ontem, na revista *Plos One*.

"No artigo, demonstramos como observar e aprender com os nossos primos primatas podem acelerar a descoberta de novos medicamentos, ao mesmo tempo que enfatizamos a importância de proteger as nossas farmácias florestais", frisaram os pesquisadores, em nota.

Os cientistas combinaram observações de chimpanzés selvagens com testes farmacológicos de plantas potencialmente medicinais que eles comem. A equipe avaliou o comportamento e a saúde de 51 símios de duas comunidades da Reserva Florestal Central de

Budongo, em Uganda.

Em seguida, foram coletados extratos de plantas de 13 espécies e ervas da reserva, as quais acreditavam ser usadas pelos chimpanzés para se automedicar. Depois, testaram essas plantas para verificar propriedades anti-inflamatórias e antibióticas. A equipe incluiu plantas que viram os macacos doentes ou feridos comendo, mas que não faziam parte da sua dieta habitual, e espécies que pesquisas anteriores sugeriram que os símios consumiram como remédio.

Constatação

Os pesquisadores descobriram que 88% dos extratos vegetais eram capazes de inibir o crescimento bacteriano, enquanto 33% tinham propriedades anti-inflamatórias. A madeira morta de uma árvore da família Dogbane revelou o efeito antibacteriano mais forte e também aliviava inflamações, sugerindo que poderia ser usada para tratar feridas.

A casca e a resina do mogno da África Oriental e as folhas de uma samambaia mostraram grande efeito

Elodie Freymann, CC-BY 4.0



Símio da Reserva Florestal de Budongo, em Uganda, alvo de monitoramento

anti-inflamatório. A equipe notou que um chimpanzé macho com uma mão machucada procurou e comeu folhas da samambaia, o que pode ter ajudado a melhorar a dor e o inchaço. Eles também registraram um espécime com infecção parasitária ingerindo casca de espinafre-de-gato.

Em maio, um orangotango da Indonésia, chamado Rakus, se automedicou, usando uma pasta feita de folhas para curar uma ferida no rosto.

Segundo cientistas que acompanharam o macaco, essa foi a primeira vez que um bicho na natureza foi registrado

tratando um machucado com uma planta medicinal. Após aplicar o "remédio", a lesão cicatrizou em um mês.

O estudo é um dos primeiros a fornecer evidências comportamentais e farmacológicas dos benefícios medicinais para os chimpanzés selvagens ao se alimentarem de cascas e madeira morta.

No entanto, os autores ponderam que é difícil determinar se esse é um comportamento de automedicação, com a busca intencional de vegetais com poder de cura, ou não. Os estudos vão prosseguir em busca de respostas à dúvida que persiste.

Dinossauro com chifres

Museu da Evolução/Divulgação



Uma nova espécie de dinossauro herbívoro com chifres foi revelada pela Universidade de Utah, nos Estados Unidos. Ele está entre os maiores e mais ornamentados já encontrados, com dois enormes chifres em forma de lâmina. O espécime foi chamado de *Lokiceratops rangiformis*, que significa "o rosto com chifres de Loki que parece um caribu".